



Paul Ricoeur

um olhar de seus leitores

Organizadores:

Elsio José Corá

Cláudio Reichert do Nascimento

 EDITORA CRV

Paul Ricoeur

um olhar de seus leitores

"Penso que a filosofia nasce de questões muito específicas que não pertencem ao senso comum. Isso cria um problema precisamente para a comunicação da filosofia. Aristóteles começa com esta questão: o que é o ser? Não é uma questão da linguagem cotidiana. Na linguagem cotidiana, nós lançamos mão das coisas, dos objetos, não perguntamos que espécie de ser elas são e o que é a ideia de ser? Isso é uma questão filosófica. Descartes pergunta-se qual é a verdade primeira. E diz: 'Penso, logo existo'. A ideia de procurar uma verdade primeira não pertence à linguagem corrente na qual estamos, no meio das coisas, das questões e das respostas, dos saberes, das opiniões e das convicções. Ou ainda com Kant: o que é um juízo sintético a priori? Qual é a condição de possibilidade para que sejamos colocados frente a objetos que sejam objetos comuns? Nesse sentido, a filosofia nasce de um certo desprendimento em relação à vida cotidiana; ela retorna, a meu ver, essencialmente por duas vias. Por um lado, para dar sentido à objetividade na ordem do saber e, por outro lado, para dar sentido à ação ética na ação cotidiana. Há então uma espécie de recuo, o que Platão chamava a 'segunda navegação', que reconduz ao meio das coisas e do mundo, seja pela questão da verdade, seja pela questão do bem e do mal" (Entrevista de Paul Ricoeur concedida a Philippe Michaël de Saint-Cheron, 1991, p. 18).